

Categoria: Conto
Loucura
Por Marcelo Cajuí

(...)

- Estes dias assisti a um filme. Isso um bocado de tempo. Tipo um mês. O negócio me deixou impressionado.

Não sei o que estas pessoas fazem para deixar a gente com tanto medo do futuro. Só sei que fiquei com muito. Aquilo foi bem real.

- Já falo sobre o filme. Preciso falar sobre uma teoria que criei antes. Ok?

Uma voz áspera soou contra a luz.

- Sim. Prossiga.

- É o seguinte: eles filmam no futuro e enviam o DVD numa fenda do tempo pra nós. Se ligou? É uma forma de prevenir o ser humano sobre o que podemos fazer para arrumar o futuro. Não sei, é meio confuso. Tenho certeza que alguma coisa estranha acontece.

Hollywood o escambal. Hollywood não existe. É tudo mentira! Os personagens são reais. Tudo é real. O governo americano mantém em segredo, pois se revelarem que é verdadeiro, o pessoal dos direitos humanos cairá matando. - Você já ouviu falar de uma tal revolução tecnológica?

- Você falava sobre o filme. Esta se prolongando sobre um segundo assunto sem terminar o primeiro. Falou a voz áspera sustando a continuidade do outro homem.

- Sim. O filme. Acho que era Exterminador do Futuro. Meu Deus! As máquinas dominaram o homem e um cara chamado John Connor vai ser nossa salvação. Guarde bem este nome doutor "Connor".

- São coisas tão absurdas. O pessoal da imprensa diz que eu que tenho problemas, acredita nisso? Eles que têm problemas em não enxergar algo tão óbvio.

Novamente a voz:

- Semana passada você comentou sobre um livro, falou vagamente do filme. Mas não parece ter te preocupado tanto como hoje. Mas este livro conforme as minhas anotações parece ter sido mais importante. Preciso que você comente. Fale-me a respeito do livro?

- Aquele eu superei doutor, justo por causa deste filme.

Não sei se lembra exatamente. Falava sobre outra revolução e tal? Passei minha juventude inteira pensando nela. Uma que falava de uns bichos? Se lembra? – Nossa! – Quando a professora nos obrigou a ler. Juro que nunca esqueci. Tive que matar meu gato, o Sansão. Ele começou a olhar meio torto quando eu passava. Também matei o cachorro da vizinha e todos os passarinhos do meu avô. Você me entende não é mesmo? As coisas me impressionam facilmente. Por isto leio pouco. Assisto mais novelas e filmes de ficção. Pelo menos, geralmente, as histórias acabam bem, fico mais tranqüilo com isto. Quando ouço a palavra revolução fico doido.

- Você esta tomando seus remédios?

- Sim. Dois de manhã, um a tarde e dois a noite. Inclusive durante a história dos *cyborgs* eu também tomava alguns. Estava bem tranqüilo e em paz com o mundo. Tinha definido que os bichos eram nossos amigos. Sério! Até comprei um ramster. Mas foi há muito tempo. Juro que já havia esquecido. Mas como uma chama que se acende depois de estar apagada, voltou toda esta idéia de algum tipo de revolução. Veio o filme. Começou a falar de uns robôs e minha cabeça confundiu de novo. Pense comigo: Os robôs matarão os bichos e tomarão o poder! Só pode ser isto, está tudo muito claro. A certeza veio quando a máquina de lavar da minha mãe começou com uns sintomas muito estranhos. Um dia me disseram que o som do caos poderia ser ouvindo se prestássemos atenção no barulho da máquina. Ela ligava sozinha no meio da noite. Eu ouvia, porque a lavanderia da de fundos para o meu quarto. Aquilo me deixava cabreiro. Lembrei até do meu antigo médico falando: “tenha calma e conte até 10, você vai ver que são ilusões da sua cabeça”. Pois bem, eu contei até 200, a máquina

começou a bater as roupas. contei até 300 e ela começou a centrifugar, depois contei até 400 e ela desligou. Veja a progressão: 200; 300; 400. Óbvio que era um código. Ela estava se comunicando com o tanquinho. Rezei muito e superei.

No dia seguinte levei minha mãe para o hospital, ela tinha que trocar a tala da perna quebrada. Insisti que fosse sozinha, só que não teve jeito, todo mundo começou a buzinar no meu ouvido para que eu a levasse. Poxa, nem tinha dormido direito pensando que a máquina pudesse me matar! Saímos de casa as 04h00. Não entendo porque velho gosta de madrugar nos lugares.

(...)

Sinceramente, doutor, o nome John Connor pode ser um trocadilho de letras. O meu nome é Nelson. As letras quase se encaixam...

O rapaz parou de falar repentinamente e começou a olhar para o teto como se prestasse atenção em alguma coisa. O psiquiatra (o homem que se revelou atrás da luz tinha espessa barba grisalha. Cor que predominava em seu cabelo também. Era mirrado e dentusso) olhou também, para tentar entender o que o outro olhava. O rapaz observava uma aranha que fazia a sua teia no canto da sala. O doutor interrompeu a atração do maluco falando de surpresa.

- Você estava falando sobre o outro fato que te deixou “cabreiro”.

- Sim, sim. Falando sobre quando levei minha mãe não é?

- Exatamente.

- Pois então, aconteceu outra coisa que me ligou com a realidade. Chegando ao estacionamento, apertei aquela paradinha para abrir a cancela, tudo muito simples: apertar, pegar o ticket e a cancela abrir. Apertei, apertei e nada de ticket. Resolvi apertar com mais força, nada de ticket. Resolvi dar um murro e nada de ticket. Foi então que aquela coisa soltou uma voz metálica. Eu dei um pulo para o lado, espremendo minha mãe no banco do passageiro. Fora que a luz

vermelha era igual ao olho do exterminador. Estava escuro e aquilo ficava muito sinistro.

- Você saía muito? Perguntou o psiquiatra.

- Ah... de vez em quando.

- Qual foi a última vez antes do ataque aos *cyborgs*?

- Foi quando levei minha namorada para o jogo do palmeiras.

Depois fomos com a galera do estádio para o bar do alemão comemorar o título.

- É? Só para saber, que título era?

- Da libertadores. O rapaz respondendo com desdém.

- Mas isso foi em 99. Nós estamos em 2009. Falou o doutor com cara de espanto.

- Pois é, foi a última vez. Mais uma vez o rapaz respondendo com desdém.

- Você namora a mesma garota ainda?

- Não, não, ela reclamava que eu nunca saía de casa.

- E o que você fazia tanto em casa?

- Jogava futebol no vídeo game.

- Só?

- Basquete também.

- Fora jogo de vídeo game? O que mais?

- Assistia filmes. Já te falei.

- Porque você nunca saía?

- Na realidade, eu até saí mais vezes doutor, mas coisas poucas. Ir para o shopping, por exemplo. Como fazia isso todos os finais de semana, eu já não contava mais.

-Mas, se você vai para o shopping, eles têm as cancelas automáticas também.

- Aham.

- Então porque o medo com aquela falando no hospital?

- Porque ela realmente estava me observando.

- Poderia ser um vigia te guiando.

- Impossível, não tinha nenhuma guarita por ali.

- Uma pergunta. Porque pediram para você levar a sua mãe?
- Não tinha mais ninguém e eu tinha acabado o campeonato.

- Ok. Continue com a história. Ordenou o médico gesticulando com as mãos.

- Ta. Daí aquela coisa falou comigo e soltou o ticket. Passei olhando de lado. Tudo estava contra mim. Primeiro a máquina, depois a cancela. Cheguei em casa com uma puta dor de cabeça. Almocei e comecei a jogar vídeo game. De repente, a máquina começou a funcionar sozinha de novo. E de novo 200; 300; 400. Ok, nada demais. Coincidência, não é mesmo? – A maior coincidência é que este ciclo durava quatro dias. No quarto dia da quarta semana peguei uma barra de ferro e acabei com todas as máquinas da lavanderia. – Depois foi o vídeo game. Não conseguia mais ganhar uma partida sequer no nível profissional. Isso também foi estranho. Quando eu conectava para jogar online, todos os usuários caíam.

- Pode ser que você não conseguia fazer a conexão. Disse o psiquiatra tentando encontrar alguma explicação.

- Imagina. No quarto dia sem máquina de lavar, quatro jogadores estavam online. Este quatro é curioso. Sempre me seguiu, desde criança. Tentei jogar no outro dia e novamente nenhum jogador online. Depois do quarto dia sem jogar, advinha o que aconteceu? Quatro jogadores online novamente. Sabe o que eu fiz? Joguei o console pela janela. Como o computador também é ligado na internet, ele devia estar contaminado e em contato com o videogame. Arranquei os fios da tomada e também joguei. Enfim, quebrei todos os aparelhos eletrônicos que vi pela frente.

- E porque justamente neste dia você resolveu sair de casa?

- Os fios que eu arranquei do computador começaram a se rebelar.

- Mas também, você arrancou as coisas. Algum fio deve ter ficado descascado e entrado em curto circuito.

- Nada disso. Não tente me convencer de que estou errado.

Falando isso, o rapaz cruzou os braços e fixou os olhos novamente na aranha. O doutor percebeu isto e perguntou.

- Porque você parou de falar?

Nelson abaixou somente os olhos na direção do médico. Sem mover a cabeça, observava simultaneamente para aranha enquanto falava.

- Você ta me contrariando?

- Não, só estou criando possibilidades. Disse o doutor se defendendo.

- A possibilidade é só uma: os fios estavam tentando me matar. Agora posso continuar?

- Desculpe. Claro que pode.

- Saí de casa, comecei a quebrar tudo que parecia ameaça eletrônica. Estou aqui por que tem gente de complô com as máquinas. A polícia está envolvida. E acho que o senhor também. Aqui tive oportunidade de colocar a cabeça no lugar e entender tudo.

- Entender o que?

- Os fatos se encaixam, a revolução já começou! O único que consegue ver isto sou eu? No filme também ninguém acredita em John Connor. Tudo bem que ele está um pouco diferente de mim. Mas também acho que ele não é o verdadeiro. Deve ter alguma coisa adulterada no filme, para não revelarem que sou eu. Pára pra pensar: a polícia chegou em menos de quinze minutos.

- E você está inconformado com isto?

- Óbvio.

- Por quê?

- Porque eu estava tentando salvar o mundo.

- Você tinha celular?

- Ah claro, esqueci. Toquei fogo num latão.

- E o que você pretende fazer agora? Continuar a salvar o mundo?

- Não!

- Por quê?

- Porque minha mãe disse que foi bem feio o que eu fiz.

- Você sabe o que você fez?

- Sim.

- O quê que foi então?

- Exterminei seis *cyborgs*.

- Não eram seis *cyborgs*. Eram seis pessoas que faziam parte do crime organizado de ursinhos de pelúcia.

- Se você diz... quem sou eu para ir contra? Então continue seu relatório sozinho.

- Não, espera. É normal a gente desconfiar de algo estranho enquanto sua família é dona da maior produtora de pelúcias do Brasil. O que me diz disto?

- Nada. Sempre queimei todos que me davam.

O psiquiatra passou a mão na barba, enrolando os fios da ponta do queixo e perguntou:

- Me fale sobre sua mãe. Ela é dona da *Bears & Sears*. O que você acha disso?

- Minha mãe sempre me deixou fazer o que eu queria. Nunca tive vontade de trabalhar com ela, ela sabe muito bem disso, pode perguntar. Meu medo de bicho começou quando eu era novo, acho... sei lá. Só sei que odeio bichos de pelúcia. Odeio os ursinhos carinhosos e toda aquela corja de ursos veados. Minha mãe sabe bem disso. Ela não me deixava sair muito e quando eu ia sair ela gorava tanto que não dava certo.

- Você gosta da sua mãe?

- Sim e não.

O rapaz cruzou as pernas por debaixo da mesa comprida e colocou as mãos estendidas perpendicularmente. O doutor coçou os olhos com o dedo indicador e repetiu o movimento do outro.

- Como assim? Sim e não?

- Sim e não. Sim nas coisas que ela me respeita. Não mexendo na minha gaveta e mal entrando em meu quarto. O não, quando ela me pega no corredor para falar sobre trabalho.

- Este é o convívio que você tem com sua mãe?

- Ela não me incomoda e eu não incomodo ninguém. Às vezes fazia uns serviços pra ela como buscar alguma coisa na loja de conveniência do posto ou a levar de carro pra algum lugar.

- E estes “favores” – ao fazer esta pergunta o psiquiatra fez o famoso sinal representando as aspas com dois dedos –, você se incomodava em fazer?

- Na maioria das vezes, sim.

(...)

- Bom... nosso tempo acabou. Continuamos amanhã. Afinal, todo mundo está pressionando para saber se você é o que realmente diz ser.

Antes de ir, o doutor ainda se despediu: “até amanhã, senhor Connor”. Prontamente ouviu a resposta: “força doutor, nós vamos conseguir”.

Um saiu pela porta, enquanto o outro seguiu algemado para a cela. Na parte de fora, o doutor foi chamado pelo delegado.

- E então? Esse meliante esta fingindo?

- Creio que não. Ele está se contradizendo dentro do próprio pensamento. Mas a raiz dele continua a mesma: revolução. Ele é perigoso, mas controlável. Sua obsessão pela revolução parece ser progressiva e não acredito que ele algum dia vai esquecer disto. Podemos controlar, como eu já disse, mas o instinto dele age como um vulcão. É imprevisível. Talvez ele deva ficar muitos anos em reclusão sob a tutela do estado dentro de um Hospício por tempo suficiente até que seja possível apagar estes pensamentos.

- Ele vai sair praticamente um retardado de lá. O Delegado disse isso em um tom jocoso e irônico. O psiquiatra olhou-o com desprezo e indiferença. E fez uma réplica de maneira irônica:

- Esta é a medida que temos que tomar com certas pessoas. Para quem sabe, nós... veja bem: Nós! Consigamos controlar um cidadão fora dos padrões comuns.

O delegado percebeu o enorme toco que havia levado e se portou de forma diferente. Pigarreou e perguntou:

- Mas e o que o doutor acha?

- O meu relatório sai amanhã. Independentemente de a imputabilidade penal ser confirmada ou não. Notei que ele tem uma relação estranha com a mãe. É preciso ter olho firme nela. Talvez ele não tenha criado toda esta fantasia sozinho. Só preciso de amanhã para comprovar. Mas é noventa e nove por cento de certeza que ele deverá ser enquadrado no artigo 26. Sem redução de pena. Os atos dele estão dentro de uma lógica numeral e seqüencial. O jovem cidadão Nelson tem o instinto psicótico destrutivo que se transforma com o tempo, muda de acordo com a época, seguindo uma espécie de tendência e modismo.

No outro dia o doutor fez quase as mesmas perguntas e obteve as mesmas respostas de forma diferente, mas mantendo a mesma constância sobre a revolução e detalhamento numérico. Sobre a mãe, Nelson se manteve impassível e se recusou a responder. Suas fobias continuavam as mesmas. Incrementou mais algumas fantasias maiores.

O descontrole emocional daquele rapaz era evidente. O doutor fez diversas reuniões com os outros psiquiatras que atuavam no caso. Coletou as definições dos outros colegas de profissão e verificou que havia semelhanças conclusivas, senão iguais. Porém a sua assinatura era a mais importante de todas. Pensou na impossibilidade de Nelson estar recebendo algum tipo de influência naquele momento. As visitas estavam suspensas há meses. O estado pressionava uma resposta. O advogado do caso quase não se apresentava para consultar o cliente. Enquanto o promotor o via quase todos os dias.

Foi para o tribunal o que a imprensa chamou de “O Exterminador das Pelúcias”.

A sentença parecia óbvia, antes mesmo de ser declarada. E realmente seguiu todas as expectativas de todos os protocolos. O exterminador foi enquadrado no art. 26 como o psiquiatra disse.

Mesmo no tribunal, Nelson se comportou de forma alucinadamente normal para seus parâmetros de sanidade.

Batido o martelo, caso encerrado. A defesa prometeu apelação.

Na saída do tribunal, flashes fulminavam de todas as direções. Todos queriam uma foto exclusiva do exterminador.

Saiu em todos os jornais, apareceu em todas as tevês, foi manchete das principais revistas de São Paulo. A opinião era quase unânime sobre o erro na sentença ou favorecimento pelo nível social que o réu possuía.

“Mais uma vez o Brasil parece favorecer um favorecido”

“O dinheiro abre as portas para a família Schumbert”

“Mapa da pelúcia”

Estes foram os principais títulos que a imprensa deu.

Um mês depois, lá estava ele sentado em um banco onde os internos recebiam visita. Calmo e lúcido quando sua mãe sentou.

- Oi, meu querido! Como está?

- Bem, bem.

- Está tomando os remedinhos?

- Claro que não, mãe! Fica tranqüila que aqui não tem escuta.

Pode falar normalmente e baixo, pelo amor de Deus.

- E então?

- Então o que?

- Como é viver aqui?

- Uma loucura! O quê que a senhora acha? Quer tomar um café da tarde com um cara que se borra todo enquanto come? É tão agradável! Acho que deveria experimentar.

- Ai filho! Não fala assim. Pense na família. Tudo que pedimos para você foi porque era o único que ninguém conhecia. Mal saía de casa, não é? Ficava só assistindo filmes o dia todo. Vai ser bem rápido, estamos fazendo de tudo para se sentir em casa, só não podemos colocar nenhum material eletrônico, senão as suspeitas recairão novamente, afinal agora você é o John Connor.

Logo sai sua condicional, tenho certeza. Já estamos apelando. No primeiro julgamento foi o advogado que aconselhou tratar o caso de uma forma displicente. Você viu que isso tirou muitas suspeitas de alguém estar te ajudando nas estórias.

E dos males, o menor. Pelo menos está aqui em segurança, estes loucos são inofensivos. Ainda mais que está em cela especial. Agora tem que agüentar um tempo.

- Quanto tempo? Cinco ou seis anos? Depois que eu realmente pirar dentro deste lugar?

- Nãoo! imagina. Você vai conseguir sair antes. Já entramos com recurso para provar que sua loucura foi momentânea, um surto. O que agravou sua posição foi exagerar na dose. Sempre te falei sobre mentir. A estória já estava pronta, foi você que mudou praticamente tudo. A do livro por exemplo. Porque inventou?

- Ah! (risos) sempre quis falar aquilo para alguém, era quase um fetiche.

- Agora me diz, e os chineses? Ainda insistindo em invadir nosso espaço? Perguntou Nelson.

- Não. O seu recado foi muito bom. Tudo está em paz agora.

(...)

- Então já sabe! Fique calmo. E mente sã!

Se despediram e a mulher partiu.

Quatro anos mais tarde, depois de ter perdido todos os pedidos de apelação, mãe e filho estavam sentados no mesmo banco.

- E então, querido? Como se sente hoje?

- Eu andei pensando... Lembra da invasão dos *cyborgs* que inventamos pra todo mundo?

- Claro! E o que tem ela?

Ele começou a fazer algumas caretas estranhas.

- A senhora vê aquele homem de boné ali no canto?

- Aham... você está começando a me assustar. E daí o homem de boné?

- Eu acho que minha história era real. O brilho no olho daquele homem me deixa apavorado. Estava conversando com o Mineiro a respeito disso. Ele mal fala, mas concorda com tudo que eu digo. Sou bem respeitado aqui dentro.

Inclusive os médicos que você suborna são muito gentis. Eles me passaram uns calmantes para agüentar os gritos durante a madrugada. Estes remédios estão me abrindo os olhos.

- O que você está tomando? Não me diga que você está falando a verdade? Perguntou a mãe se exautando.

- Com toda certeza que falo sério, mãe. Já faz um tempo que estou tomando.

- Quanto tempo e com que freqüência? (falou genetriz colocando a mão na boca)

- Tempo suficiente para me sentir purificado.

(...)

Quatro anos e quatro meses depois, no mesmo banco.

- Mãe!!! Neste lugar só tem gente maluca!

- Não me diga. Alguma outra novidade? Ela ironizou enquanto lixava as unhas.

- Simm. Todos estão me apoiando na rebelião que faremos.

- Rebelião? Você está louco? Ainda não levantando os olhos para ver a expressão que Nelson tomava ao falar tal coisa.

- Não. Agora eu sei quem eu sou.

- É? E quem é você? (disse se esquivando para trás para olhar se o delineamento das unhas estava correto.

- John Connor!

- Que absurdo. Você é o meu filho e nasceu da minha barriga. Não existe nenhum John sei lá o que. E pára com esta brincadeira. Começando a ouvir melhor o filho.

- Não estou brincando.

- Em um sonho. Um sonho! O meu mundo mudou.

- Você parou de tomar os remédios?

- Não. Dobrei a dose, tripliquei e quando eu quadruplicuei lembrei-me da sequência da máquina. 200; 300; 400.

- A máquina nunca existiu. Inventamos tudo. A mentira do século. Você se divertia quando bolamos tudo. Deve ser o ar deste lugar, pode estar te afetando. Falta pouco para você sair deste inferno. Precisamos achar um enfermeiro, você parece estar delirando. A mulher olhava para os lados para ver se encontrava alguém.

- Faz quanto tempo que você não vem me ver mãe?

- Eu sei. Estava muito ocupada, eu te falei sobre isto. Me perdoa, mas a fábrica ainda continua a funcionar. Tentou colocar as mãos no ombro do filho. Este pegou firme nos pulsos da mãe e a puxou para junto de si, quase encostando nariz com nariz.

- Quatro meses mãe. Sabe que dia é hoje? Dia 04. Coincidência?

- Você não pode estar falando sério?! Filho... calma. Tem que se manter calmo. Espera que vou chamar um enfermeiro.

- Não! Apertou os pulsos da mãe com mais força. Esta tentou se livrar e disse que ele a estava machucando.

- Falo sério mãe! Estou falando muito sério, como talvez eu nunca houvesse dito antes. Hoje é o dia!

- Que dia? Do que você está falando? Ambos transtornados.

Neste momento, um homem se aproximou caminhando com dificuldade. Começou a falar mordendo a língua que não parava de salivar.

- Permissão para falar senhor J.C.

- Permissão concedida. Diga soldado Mineiro?

No que se pode entender ele disse: - Estamos todos a postos. Podemos perder vidas senhor, mas a revolução está garantida.

- Certo. Agora pode ir. Soldado mineiro e a mão de Nelson ficaram se olhando por alguns instantes, o rapaz percebeu e interpelou:

- Ouviu soldado? Dispensado!

- Sim senhor! (batendo continência)

O homem foi embora e saiu do campo de visão.

- O que aquele homem disse? Perguntou a mãe, que realmente não havia entendido palavra por palavra.

- Hoje é o grande dia, mãe. Lute ao meu lado?

- Lutar? Que idéia é esta?

- Você está vendo aquele corredor à esquerda?

- Sim.

- Então... ele dá para as celas dos internos perigosos. Está vendo aquele guarda de boné sendo arrastado por dois internos, aquele que eu falei do brilho nos olhos?

- Siimm. (quase não saindo a voz)

- Ele que tem a chave!

- Está vendo este monte de gente com cabos de vassoura, paus e facas se reunindo?

- Siimm

- São meus guerreiros!

Nelson tirou uma imensa faca que estava presa e disfarçada na cintura. Pulou em cima da mesa. Tacou uma pedra na câmera de segurança e gritou:

- REVOLUÇÃO E LIBERDADE!!!

A rebelião durou semanas, o controle do Hospício foi perdido em sua totalidade. Novamente a imprensa fez o seu circo. E novamente John Connor estava em evidência. Quando a tropa de choque conseguiu explodir os portões e dominar o motim, John Connor não foi encontrado. Nem sua mãe. Nunca mais apareceram. Sumiram junto com outras duas pessoas†